

ODIADO É O DIA DO DIABO

GROZA

Stela Cardoso de Carvalho

Faculdade de Letras

Quatrocentos anos e tantos de pilares semi-consistentes, cultura e civilização, impregnados n'alma. Meu avô de cabelos brancos entoava cantos à noitinha, sentado à beira da cama, cigarrando tranqüilo. E os meninos, bocas abertas, olhos cerrando, dormiam sonhando casos assombrosos de escravos fugidos, resposta, joaquina do pompéu, capitães do mato, jagunços e assombração. Cinema falado, história em quadrinho, primeira namorada, literatura, rio e estrada. Vinte anos. Solidão.

Há em meu quarto um daqueles retratos de velhos casais que enfeitam a sala-dos-bocejós das famílias. Pouca gente tem enfeites assim: não combina com a mesinha, que não combina com a cama, que não combina com a outra nem com o guarda-roupa. Também não sei quem são os distintos nem como vieram parar aqui. Amanhã vou perguntar à dona da pensão se por um infeliz acaso ela se esqueceu de retirá-lo quando aluguei o quarto.

Amanhã é o dia do diabo, tenho de me decidir. Lucinha prometeu-me se comportar como uma verdadeira mulher, não vai chorar uma lágrima. Ela o espera como se eu já o houvesse fixado. E sofre. Não diz uma palavra sequer a respeito como se quisesse fazer-me esquecer, desistir de tal idéia. Mas



M. Caldeira

seus olhos procuram a resposta nos meus e a encontram, firme, irreprimível. Não por talvez ser um ótimo fingidor: vivo a angústia de algo a acontecer como se já houvesse acontecido, mesmo sabendo das mil probabilidades de não acontecer; assim como um ator crente em ser o personagem que está vivendo. Pré-angústia.

Lucinha engorda a cada dia. Suas visitas têm-me feito muito mal — e bem. Gosto de acariciar-lhe o ventre, recostar a cabeça em sua barriga cada vez mais crescida e ficar ouvindo seu interior, fingindo-lhe ouvir as palavras. Não deve haver melancolia, mas há, tanto em seu rosto como no meu. Ainda não aprendemos a fingir, e é melhor assim. Fala-me de nossas andanças — muitas alegrias — e evita revivê-las em sonhos, temendo que eles perdurem. Amanhã é um outro dia, não é fácil aceitar. Compreendo. Solidão como antes, como sempre é e será. Pode-se conseguir torná-la mais amena, nunca exterminá-la. E nós conseguimos muito: um amor só, verdadeiro e cômico, de duas pessoas conscientemente solitárias e preparadas para serem felizes sem uma fuga desnecessária de suas condições. O amor é egoísta, se satisfaz em satisfazer o outro, senão seria fingimento. Individualmente. Assim é para que possamos continuar. Infinito.

Lucinha não sabe, e não pretendo fazer-lhe segredo, ela tem certeza disto. (Segredo só é revelado para quem não precisa sabê-lo.) De quando em vez lembro-me de certas decisões tomadas há tanto tempo, maneiras de agir impossíveis, ou quase, de se contrariar, partes de personalidade, coisas esquecidas na memória e presentes em nossas ações. Logo quando nos conhecemos, Lucinha e eu nos prometemos nos despir inteiramente um para o outro, mostrar todos aqueles carôçames escondidos, abrí-los e deixar o outro ver a podridão daquelas sementes, aqueles cirros encistados inconscientemente pela náusea provocada, pelo horror e medo que nos causavam suas presenças em nossos corpos. Tudo fazíamos para escondê-los, ignorá-los, esquecer-los, sem notar que tais sementes era a nossa posse mais autêntica, o siso, e não a tentativa de não ser. Você se lembra o quanto faz mal manter segredos, pecados

inconfessáveis. Não lhe farei segredo, será amanhã, decidi agora. Se este relógio estiver certo, e não me atrevo a dar certeza, são onze e quarenta e cinco. Faltam quinze minutos para o dia do diabo.

Não vou dormir, aproveitarei a noite toda escrevendo cartas, bilhetes, recados, e quem sabe, faça um testamento de minhas bugigangas. Posso também mudar de idéia, muitas vezes o fiz sem um mínimo de remorso, sem levar em consideração um pingo de responsabilidade sobrado dos velhos tempos e que ainda teimo dizer possuir. Além disto, quero saber a quem pertence o retrato. Sei, é pretexto para adiar minha resolução, mas há de fazer de outra maneira se se quer assim? É deixar, quero saber. Se levantar bem humorado, talvez pergunte à d. Maria se são seus pais (e ouvi-la falar da família por horas seguidas), ou se foi achado nalgum canto do porão — onde devia ter continuado mofando— ou se pertenceu ao antigo inquilino, meu desconhecido, e do qual tem me falado bastante como péssima recordação e três meses de pagamento sem acerto. Ah! avisá-la, talvez não receba o pagamento deste mês. Estou sem um tostão. Pensando bem, posso deixar como herança para a Sônia esta dívida.

Amanhã, logo após o café, passo em cada quarto filando um cigarro, pego uma caixa de fósforo na cozinha, volto para o meu cubículo e tentarei adivinhar como vim parar nesta pocilga e pensar nas coisas que havia planejado fazer até sábado passado. Os planos foram todos por água abaixo e inda hoje não consegui achar o erro. Lucinha me culpa, e eu, o meu patrão. Afinal, pouco importa agora saber quem errou, empregado tem dessas coisas. Também não sei que idéia fraca foi aquela minha de arranjar patrão. Poderíamos ganhar dinheiro de uma outra maneira, fomos confiar no salário e... rua, emprego e barracão. E não foi o pior, senão ainda poderíamos pensar em alugar outra casa e veria o meu filho nascer. “Sua tristeza vai acabar, um passarinho me contou.” “Ah, Lucinha, se pudesse ouvir os passarinhos como você, não seria triste. Fala, quero saber.” “Não foi só o passarinho; o vento me sussurou aos ouvidos e o riacho cantarolou toda a

noite: estou esperando um bebê.” “Verdade?” “Verdade.” “Não, é mais um conto das fadas, está na maneira como falou.” “Ô meu amado, acredite-me. Olhe para o campo, as flores não conseguem mentir.” “Mulher, você é maravilhosa.” Desejei-o, amei-o — felicidade e desgraça. Foi como se todas as coisas voltassem a ter sentido. A estrada pareceu-me novamente a salvação; muito mais, não havia terminado, começara naquele momento. Curto engano, tudo continuou sem sentido algum. Não adianta renunciar à estrada como o fizemos, voltar à vida de nossos pais acreditando estar semeando o trigo capaz de vencer o joio. Eles também pensaram estar a estrada se iniciando quando nos semeou; um sonho lindo. Estava também a sonhar, e não importa, é o meu filho, é o meu sonho, e os meus sonhos tenho todo o direito de sonhá-los. O acidente: inundo o mundo de zumbidos e imundícies, me disse a caminhoneta, e fui jogado para o lado e caí e passou outro carro e não vi mais. E o sonho acabou. Mas teimo.

Vou aproveitar esta noite que o braço não me dói. Se quiser, amanhã durmo a manhã inteira; é só fechar a cortina-de-pano-de-saco-de-aniagem-daqueles-bem-furadinhos. Se quiser também, deixo esta gangrena se infeccionar de vez, não tomo mais nenhum benzetacil, nem os comprimidos, nem os outros dois anatox, nem faço mais curativos: fim de situação sacal. E quando a febre vier, vou achar pouco e bom, esse cobertor nunca cobriu frio algum. E quando Lucinha não conseguir mais analgésicos anísicos e as dores chegarem, não as receberei. Mas elas são intrusas. Posso então levar a sério minha decisão e amanhã será o dia do diabo, tomarei dose letal. Se não o fizer, serei obrigado a inaugurar a semana do diabo.

Tenho viajado bastante pelo dentro do meu corpo, vasculhando recantos e segredos, tentando decifrar mistérios impossíveis de se decifrar; mistérios inexistentes. Chegou a hora de inventar novos mistérios. Não é preciso dizer é preciso, o tempo de precisar já passou. Existem milhões de falsos pensamentos soltos pelos arredores de gestos cansados, numa tentativa teatral de se libertarem dos próprios atores, ou

da própria vida. Não quero saber mais disto, quero parar de pensar.

Só por estar imobilizado, dá-me vontade que deixe tudo acabar. É impossível tomar outra vez a estrada, mochila às costas, sorriso nos lábios, sentido qualquer. A estrada sempre tem um sentido, é a minha vida normal, está no sangue venoso e arterial, na face direita e esquerda, no meu todo.

A menina não quis acreditar em mim e continuou triste olhando as pessoas tristes passarem do outro lado da vidraça. Recado: "Menina, não é necessário estar triste agora, eles não vão mudar. Nós temos a estrada à frente, um desafio, uma ponte a construir, um rio de águas turvas em nossas veias, e sobre ele vamos erguer o concreto, romper nossos laços de família. Você não quis me acompanhar, isto acontece. Outro tempo passa e passa outro e você acaba se decidindo." Foi maravilhoso tê-la encontrado meses depois com o Tico numa barraca à beira estrada. Este recado é para você, Luiza, é a parte da herança que lhe coube.

O Cabral é uma pessoa notável, ninguém se apercebeu nem quis. Tirante os tiques nervosos somente vistos nos outros e desaparecidos nos heróis, foi um sujeito quase bom, honesto, de antepassados limpos e sem precedentes na lista dos falsos amigos. Prezava-o, quase. Brigávamos bastante, era bom. Menino artiloso, houvesse valia se não tivéssemos brigado, desprezaria, deixava de lado sua passagem, seguisse caminho. A gente se desentendeu o necessário. Agora, alfabetizado, já aprendeu até falar língua estrangeira, quer ser culto, lido. Aprovo. Deixo-lhe os meus livros, os do Zé, os da Carma, os da Rosa, nunca devolveram os meus — os da Biblioteca Pública, todos, e as respectivas anotações. Faça proveito. E quando estiver cansado do mundo que se lhe abriu as letras, volte para a beira do rio, continue sua vida normal. Conseguindo vasta cultura, e depois de sábio e sabichão, vai saber dar mais valor à contra-cultura, e com todo o direito. Assim sendo, fico satisfeito. Muito. Tenho sentido sua falta, peixes fritos, cachaa, truque e casos de assombração. Preferi a estrada ao

rio, a diferença é pouca, foi da parte do destino. Estrada e rio, rioestrada.

É necessário registrar a literatura das estradas. Ontem, quando Lucinha veio me ver, conversamos sobre ela parar de escrever o que tem escrito, e se dedicar a falar da estrada. A estrada é universal. E o nosso filho vem dela. Não sei se o verei, será lindo. Lucinha escreveu o “Recado ao Ante-Nascido.” É um poema lindo, literatura das estradas (isto não é rótulo, nem signo, nem significado; é significante, muito). Existem coisas maravilhosas ditas ao ante-nascido: “Talvez fosse melhor não saberes nada antes de iniciar teu caminho...” “... aprende desde logo a ser passivo, sem ser inativo, e a ser consigo antes de ser com tudo.” “A todas as guerras, e a todas as matanças, junte sua pequena paz... a todas as amarguras, a todas as desesperanças, junte sua pequena fé... a todos os desesperos, sua pequena ternura.” “... e a tudo isto em conjunto, junte seu grande amor. E se isto não te bastar, menino, não te assustes muito, não chores muito (não vale a pena), que o tempo não é nada, o tempo, menino, passa, passa e não para nunca de passar”.

Minha tristeza e minha alegria: ter de desistir de ter desistido de tudo. Odiado é o dia do diabo. Amém.